

Individualismo e cultura *

*Vanessa Karla Mota de Souza***

Resumo: Este texto se propõe a fazer uma comparação analítica do processo de individualização do homem moderno e as afetações culturais que o mesmo propiciou, respeitando os limites impostos pela análise de autores da Antropologia dos dois últimos séculos, ao mesmo tempo em que se procura desenvolver uma aplicação para a realidade atual.

Palavras-chave: individualismo; cultura; antropologia; indivíduo; modernidade

Reza a lenda que há muito tempo na Grécia antiga, um belo rapaz deixou-se consumir diante da margem de um rio, apaixonado pela imagem refletida nas suas águas, sem perceber que se apaixonara por si mesmo. A lenda de Narciso conhecida em todo o mundo é uma analogia propícia para o tema abordado neste texto.



Constituindo uma das grandes discussões da Antropologia das Sociedades Contemporâneas, a relação entre o individualismo e as características culturais da modernidade têm seus principais expoentes em alguns dos mais respeitados antropólogos dos séculos XIX e XX: Louis Dumont, Clifford Geertz, Marshal Sahlins, George Simmel e Verena Stolcke.

* Texto apresentado como monografia na disciplina Antropologia das Sociedades Contemporâneas, ministrada pelo professor Mauro Guilherme Pinheiro Koury no curso de Ciências Sociais da UFPB, no semestre letivo 2005.1.

** Aluna do curso de Ciências Sociais da UFPB.

Suas discussões perpassam umas as outras em temas que se completam e se conectam em uma única questão: como a percepção do homem como indivíduo evoluiu e afetou sua cultura ao longo dos anos?

Segundo Louis Dumont, antropólogo francês, o individualismo está intrinsecamente relacionado com duas definições básicas: a do indivíduo-no-mundo e a do indivíduo-fora-do-mundo. Sua defesa do individualismo se fundamenta na concepção de um homem que superou o holismo e obteve um caráter empírico *"que fala, pensa e crê, ou seja, a amostra individual da espécie humana, tal como a encontramos em todas as sociedades"* (Dumont, 1985: p.37).

Dessa definição, Dumont passa a defender a concepção de um homem que ao se submeter a um relacionamento com o Divino, torna-se automaticamente alheio as realidades do mundo. Mas, até que ponto este indivíduo estaria alheio às situações sociais à sua volta? Passando da sociedade hindu para a sociedade ocidental, Dumont se



detém então, baseado em Troeltsch, na gênese que o cristianismo teria dado ao individualismo moderno. Ele afirma: *"A alma individual recebe valor eterno de sua relação filial com Deus e nessa relação se funda igualmente a fraternidade humana: os cristãos reúnem-se em Cristo de quem são os membros"* (Dumont, 1985: 42) e continua *"... a união de indivíduos fora-do-mundo numa comunidade que caminha na terra, mas tem seu coração no céu..."* (Dumont, 1985: 44). Este homem extra-mundo encontraria então sua contra-concepção posteriormente em Calvino, Reformador suíço que teria então *"construído sobre os alicerces de Lutero"*, e essa construção, de um predestinado não apenas privilegiado com a salvação eterna, mas também responsável pelo Reino de Cristo, o que o reformador

chamaria de o Reino de Deus que é (no coração dos homens e na sua responsabilidade social de promover a justiça e o bem-comum) e *ainda não* (na esperança escatológica do advento de Cristo).

Segundo o autor, especialmente após a Reforma os indivíduos adquirem sua auto-suficiência para com Deus – chega de dogmas, intermediários, e controle religioso, cuja desobediência seria passível de condenação - e sua participação no mundo real.

É desta concepção que a modernidade herdou um individualismo fundamentado na igualdade e na liberdade. Conceitos contraditórios principalmente entre o final do século XIX e início do século XX, e que foram apresentados por George Simmel, sociólogo nascido na Alemanha e cuja obra se fundamentava nas transformações sofridas pelos alemães entre o final do século XIX e início do século XX (1858-1918), trazidos pelo avanço econômico e conseqüentemente pelo progresso e transformações sociais.

Quando Paris, Londres e Nova Iorque já eram cidades desenvolvidas e com um meio urbano efervescente, a Alemanha estava vendo descer em suas estações milhares de imigrantes empolgados, com o progresso incipiente mas constante de Berlim.

Nada mais natural, por conseguinte, do que a sociologia daqueles tempos ... preocupar-se primordialmente com as reações do indivíduo frente ao mundo urbano. Para ele, (Simmel) tido hoje como o principal sociólogo da avant-garde do principio do século XX, o problema primordial circunscrevia-se na questão de como era possível manter e preservar a autonomia e a existência individual face às impressionantes forças impessoais da época. Os desafios representados pela presença da coerção social, da herança histórica, da cultura externa e da crescente tecnificação da vida, produziam alterações irreversíveis na vida dos indivíduos. (Voltaire em <http://educaterra.terra.com.br/>).



O jornaleiro, a solidão na metrópole
(Tela de C. Felixmuller, 1928).

Para Simmel, ao mesmo tempo em que no novo século o homem era um indivíduo liberto das restrições do Estado e da Igreja, dono de sua história, responsável por suas decisões, e

absolutamente livre para executar suas escolhas de acordo com sua vontade, ele estava irremediavelmente exposto à necessidade de especialização a fim de encontrar sua identidade no “novo mundo”. Tal exigência acabou sendo interpretada como uma contrapartida da liberdade oferecida pelo individualismo, porquanto relegava o homem a uma ausência de sentido e identidade, a solidão.

De que modo, pois, um interiorano, daqueles milhares que desembarcavam diariamente nas estações das cidades, conseguiria adaptar-se aos grandes conglomerados humanos que surgiam a toda hora sem ver sumir suas características mais pessoais, sua singeleza, sua afabilidade e pureza aldeã? Como evitar que o seu estupor frente ao ineditismo de tudo o que via não o paralisasse, permitindo que ele se sentisse esmagado, impotente, frente aos mecanismos ocultos da tecnologia e da impessoalidade onipresente que agiam sem esmorecimento sobre ele? (Voltaire em <http://educaterra.terra.com.br/>).

A discussão do homem urbano em Simmel é bastante significativa, porquanto as conseqüências paradoxais do individualismo alcançam os limites antropológicos no que diz respeito às novas perspectivas da etnografia e da relação do homem como ser único, em busca de afirmação e as implicações culturais que isso representa, como cita Stolcker acerca da percepção de Dumont sobre esse assunto “A modernidade da antropologia social faz dela uma ferramenta de investigação que, não obstante, deve ser ela mesma perpetuamente interrogada. Uma reflexão constante sobre os modos de pensar ‘moderno’ é inseparável da investigação antropológica” (2001: 9). A Antropologia das Sociedades Contemporâneas não pode distanciar-se dessa avaliação, portanto, porque nela se concentra a discussão da liberdade, do capitalismo e da relação do homem moderno com o dinheiro e as questões maléficas de um individualismo que ao mesmo tempo em que ressalta os valores de liberdade, igualdade e fraternidade, também abre portas para a defesa de pensamentos racistas e de igualdade totalitária que fizeram do século XX, não apenas pelas suas grandes Guerras, mas por todas

as nuances de nacionalismo e perseguição pela identidade igualitária na fé, nas concepções sociais, na política e na economia, um século em que o homem perdeu seu senso de identidade e passou a vagar em busca do sentido. Stolcker nos fala disso com propriedade em sua avaliação do pensamento individualista de Dumont em *Gloria o Maldición Del individualismo moderno según Louis Dumont*. Em suas próprias palavras ela define suas pretensões na análise que faz da tese de Dumont:

... o que se busca é mostrar que o individualismo, ao mesmo tempo em que se apresenta ideologicamente como oposto à hierarquia típica de sistemas como as castas indianas, mantém propriedades lógicas semelhantes, no que se refere à relação entre os valores e as práticas sociologicamente 'englobadas' e veladas. Deste modo é possível entender, a partir deste pensamento, como no interior de um mesmo sistema individualista – liberal e igualitário – há espaço para ideologias totalitárias e racistas... (Stolcke, 2001: 7).

Para ela, isso se tornou possível porque a individualidade proposta por Dumont era um meio de se confrontar "o problema da relação entre indivíduo e sociedade que é a marca indelével da modernidade" (2001: 9). Assim usando o método comparativo e fundamentando seu pensamento em Mauss, ele estabelece um conceito de hierarquia extra-social, onde o "... indivíduo moderno se entende como sujeito emancipado do social, livre de toda ordem coletiva e igual a todos os demais seres humanos e enquanto tal é a encarnação da humanidade" (2001: 20-21). Mediante transformações ao longo da história esse individualismo adquiriu um caráter ideológico, porquanto passou pela emancipação do poder político, da autoridade religiosa, associado à criação da economia de mercado como o ápice da modernidade. Isso possibilitou ao homem introduzir-se no mundo social, estabelecendo-o como valor supremo, como paradigma de suas ações. "Como resultado a ideologia moderna valoriza em primeiro lugar e sobre tudo o ser humano individual no qual implica sua igualdade e liberdade" (2001: 24).

É exatamente nessa questão da liberdade que se estabelece a problemática da ideologia moderna. Um ser livre de todas as amarras pode gerar a idéia de que a responsabilidade por seus atos está em sua própria consciência.

Aos valores de igualdade e liberdade, tentou-se somar o de fraternidade. Mas, ao que parece não foram muito eficazes os esforços por um homem livre, e consciente dos limites do outro. Simmel, em seu texto sobre o *Indivíduo e a Liberdade*, retrata bem essa problemática: “o lugar mais profundo da individualidade é o da igualdade universal” (1998: 112), conceito do século XVIII, deixou o homem no limite da ética. Que igualdade seria essa? Até que ponto essa liberdade não seria um meio de subjugar o menor, em diversas escalas sociais? A igualdade justificava a liberdade, mas esta se manifestava de forma imperfeita.

Uma preocupação que chegou ao século XIX quando então Simmel menciona o advento do individualismo do *Equilíbrio*, onde o homem enfrenta em harmonia a dualidade de firmar-se como igual entre os outros e ter simultaneamente sua singularidade. O homem busca a personalidade auto-suficiente proposta por Dumont, mas também se concentra na diferenciação, na desigualdade com o intuito do crescimento mútuo entre os pares, por meio da troca. A igualdade fora então substituída pela desigualdade.

Esse conceito ultrapassou os limites das relações sociais e chegou então à economia:

Na constituição de princípios econômicos, o século XIX seguramente uniu os dois princípios. Com certeza, a teoria da liberdade e igualdade é o fundamento da livre concorrência... Esses dois grandes princípios que atuam na economia do século XIX de maneira inseparável – a concorrência e a divisão do trabalho – aparecem, dessa forma, como projeções econômicas de aspectos metafísicos do indivíduo social (1998: 117).

Apesar de importante, Simmel não vê essas duas esferas (a livre concorrência e a divisão do trabalho) como as mais importantes contribuições para o aspecto cultural do individualismo moderno. Ele

prevê que elas perpassarão a história e produzirão novas descobertas mediante as interações sociais. A questão econômica é sem dúvida um dos assuntos mais recorrentes nas obras de Simmel.

Em seu trabalho *O Dinheiro e a Cultura Moderna*, ele apresenta exatamente este veículo como um meio de emancipação, contrapondo-se à idéia corrente em sua época de que o dinheiro estaria relacionado a uma atitude negativa para com Deus e o próximo, embora na continuidade de sua obra relegue o dinheiro a uma posição de potencial dominação do homem. Segundo sua argumentação é por meio da economia do dinheiro que o homem passou a obter garantias, segurança de posse e impessoalidade: "... o dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta, proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa" (1896: 24). E não apenas isso, mas proporcionaria uma percepção diferente do individualismo:

Precisamente uma tal relação tem que gerar um forte individualismo, pois não é o isolamento que aliena e distancia os homens, (numa resposta à argumentação de que essas interações levariam o homem ao isolamento) reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário, é uma forma específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro, que provoca o individualismo (1896: 28).

Entretanto, Simmel reconhece, os malefícios que podem decorrer de uma concepção errada dessa nova forma de interação, onde o desejo de possuir nunca é satisfeito, porque há sempre algo novo que se tornará objeto a ser possuído. O dinheiro nos leva a equivalecência: "O dinheiro é 'vulgar' porque é o equivalente para tudo e para todos; somente o individual é nobre; o que corresponde a muitas coisas corresponde ao mais baixo entre elas e reduz, por isso, também o mais alto para o nível do mais baixo" (1896: 31).

O descontrole das posições entre homem e dinheiro, onde o último se torna senhor do primeiro, corrobora a queixa de que o dinheiro é o deus da nossa época. Porquanto a ele são atribuídos

padrões de segurança, harmonia e realização individual. A cultura do consumismo é uma realidade do século XXI, onde a posse é sinônimo de status, e numa alusão à singularidade do indivíduo estes têm necessidade de refletir-se no outro, quer seja uma personagem da novela, um cantor famoso ou o participante de um reality show. É na busca desse homem por um sentido, na sua fuga da solidão, onde ele vê no outro um paradigma de socialização, que o dinheiro tem seu vulto comercial endêmico.

A posse sempre estabeleceu fronteiras entre os indivíduos, sempre equiparou uns em detrimento de outros. A moral, a ética, a responsabilidade social, o bem-comum, adquiriu aspectos relativos ante a necessidade de auto-afirmação. É verdadeiramente a cultura do individualismo.

E Simmel então equipara essa realidade ao que Nicolaus Cusanun afirmou com seu termo *Coincidentia Oppositorum*:

... a idéia de reconciliação e da união de todas as heterogeneidades e de todas as diferenças não reconciliadas no deus resulta a paz, a segurança, a riqueza abrangente do sentimento que acompanham a apresentação e a posse de Deus. No domínio dos sentimentos provocados pelo dinheiro encontramos, sem dúvida alguma, semelhança psicológica (segundo a definição de Cusanus para a idéia de Deus) (1896: 36).

É nesse frenesi que o dinheiro contribui com o caráter racional da modernidade, já que possibilita um pensamento matemático contínuo nas relações sociais mais simples do dia-a-dia. É neste momento do final do século XIX que Simmel constata: *"Podemos aprender da consideração do dinheiro ... que a formação da vida econômica influencia, profundamente, a situação psíquica e cultural de uma época..."* (1896: 40).

Se para Stolcker e Simmel a questão econômica é um ponto essencial da modernidade, é porque estão arraigadas as questões políticas, e relativas com toda uma interação entre as culturas. A modernidade alargou as fronteiras do mundo. As questões raciais, étnicas passaram por inúmeras transformações, desde que o exótico,

o 'outro' deixou de ser os povos que habitavam as terras descobertas. Entretanto, esse não foi o pensamento dos governos totalitários, segundo apresenta Verena: *"O totalitarismo, o nacionalismo e o racismo desafiam frontalmente a profecia individualista e igualitária da modernidade"*.

Mas, como essas teorias são possíveis numa sociedade que advém de princípios de liberdade?

"Para Dumont o racismo é um fenômeno tipicamente moderno porque se trata de uma ideologia que pressupõe o próprio liberalismo individualista" (2001: 27). Sendo assim, a desigualdade passa a ser vista como uma 'anomalia' (não de conceituação durkheiminiana, mas literalmente como uma disfunção

da normalidade), desde que a igualdade é entendida como um parâmetro racial, são idéias que se fundamentam na concepção de que a igualdade é mais do que uma identidade, mas uma unidade da espécie humana.



de vista como uma 'anomalia' (não de conceituação durkheiminiana, mas literalmente como uma disfunção da normalidade), desde que a igualdade é entendida como um parâmetro racial, são idéias que se fundamentam na concepção de que a igualdade é mais do que uma identidade, mas uma unidade da espécie humana.

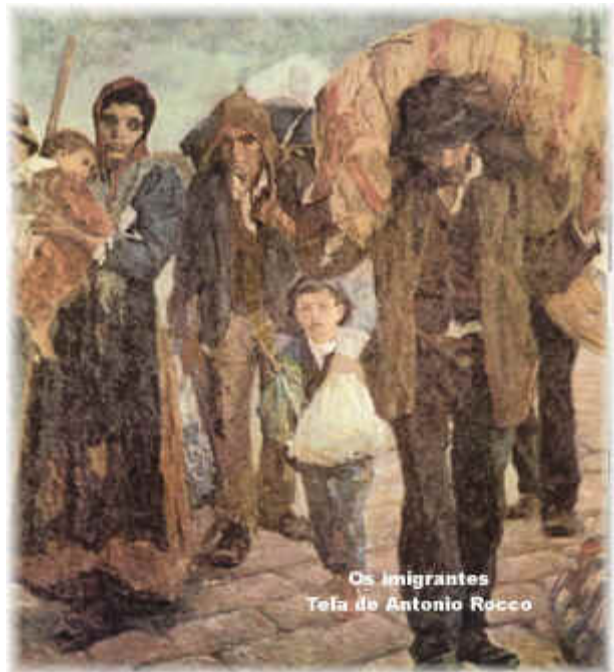
Para Stolcke o problema da antropologia social é exatamente fazer a diferenciação entre o universal e o particular enquanto idéias de valor.

O grande desafio contemporâneo para os valores modernos (que estão constituído pela exigência, ou o problema, da solidariedade humana em escala mundial, da justiça – particularmente no plano econômico – e as relações entre povos e Estados (2001: 30).

Marshal Sahlins, em seu artigo "O Pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção", reafirma esse pensamento de Stolcker e Simmel, quando afirma que a cultura de um povo não se limita a suas fronteiras. Se

Simmel fundamentou suas concepções observando as reações dos imigrantes no início do século passado, Sahlins utilizou-se desses mesmos imigrantes para afirmar que as expressões culturais se reproduzem e mantêm a individualidade do homem mesmo quando estes estão entre outros grupos étnicos.

A essa realidade podemos exemplificar através da diversidade cultural e racial do Brasil; é comum nas metrópoles como São Paulo, que receberam um grande contingente de imigrantes nordestinos, perceber-se manifestações como a venda de



uma determinada comida típica, um salão de forró, uma quadrilha. Ou mesmo se tomarmos os emigrantes estrangeiros, perceberemos traços em nosso dia-a-dia de ritos, expressões ou símbolos dos chineses, japoneses, italianos, alemães e tantos outros imigrantes que povoam o nosso país. E quanto aos brasileiros que vivem no estrangeiro? Eles também levam consigo os traços de sua cultura e suas manifestações folclóricas.

A Internet e a televisão são grandes parceiras nesse processo não apenas de preservação da cultura por parte dos emigrantes, como pode ser um meio de aculturação. A imagem expressa por meio de um programa televisivo, de um artigo enviado, ou mesmo de uma Webcam, tem o poder de fazer do mundo uma grande aldeia global, que não se restringe apenas aos aspectos econômicos.

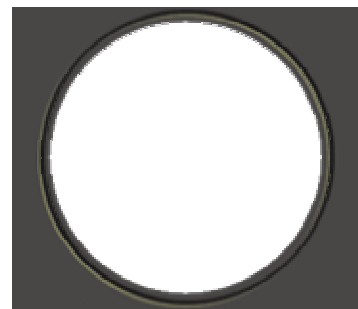
A individualidade é mantida e a cultura, por conseguinte, preservada, desde que o emigrante deseje manter os seus laços identitários. Uma das mais peculiares exemplificações dessa percepção de Sahlins é identificada nas palavras de Clifford Geertz,

em seu texto sobre "'Ethos', Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Sagrados", porquanto a religião é um elemento fundamental do simbolismo humano e um produto da reflexão sobre si mesmo. Nas palavras de Geertz: "o homem é um animal simbolizante". É a religião que fornece os símbolos, ela unifica a conduta e a cognição dos povos.

Tais símbolos são expressões da cosmovisão e expressam-se por meio dela e através do ethos, como as tribos primitivas da Arábia Saudita: "Coragem, hospitalidade e amor à família. Eu e meu irmão contra meu primo. Eu, meu irmão e meu primo, contra o forasteiro" (Souza, 2002). O ethos (elementos de valor, aspectos estéticos e morais de uma cultura) traz a religião para o mundo real e não apenas metafísico, porquanto se percebe que ela influencia diretamente na conduta humana.

Ela fundamenta as ações mais específicas da ação humana, ela não é apenas ética também, ela expressa a essência da realidade. Enquanto o ethos diz respeito à atitude do indivíduo para consigo e com o mundo, a cosmovisão trata da compreensão deste mundo e, neste aspecto, o primeiro trata do ritual e o segundo da crença, em uma relação de complementaridade.

Valores e ordem são os elementos fundamentais da religião, onde a conservação de significados - "Chamamos as coisas não conforme são em si mesmas, mas conforme são para nossas mentes" (Tomás de Aquino) - é expressa nos meios pelos quais a religião se



vale dos símbolos, porque são eles que dão significado à realidade. A conduta dos povos é necessariamente fundamentada no metafísico, e como exemplo Geertz utiliza o povo Oglalia (Sioux), onde o sagrado é o círculo, porquanto a realidade ao seu redor é forjada preponderantemente desta forma simétrica. Assim, suas casas, cerimônias e condutas sociais são padronizadas neste símbolo.

São essas percepções, condutas e ritos. É esta essência religiosa que acompanha o indivíduo, porquanto nela se incorpora sua identidade. A religião em sua expressão mais diversa identifica os indivíduos e forja as culturas. Basta um olhar sobre as formas de religião adotadas no Brasil e poderemos compreender a defesa que Sahlins faz da conservação da cultura.

E a religião exerce um papel preponderante neste processo. Num mundo cada vez mais globalizado, o outro é identificado pela forma de expressar sua espiritualidade. A singularidade dos indivíduos é aplicada também conforme a fé que é professada.

A questão do individualismo e da cultura é bem exposta por Dutra:

É no percurso histórico do período moderno-contemporâneo que assistimos à consolidação do individualismo; à construção do indivíduo pelo desprendimento interior e exterior das formas de vida social em um processo gradativo, e não linear, de conquista da independência individual e da diferença pessoal.

É na lenda de Narciso que podemos nos deparar com os confrontos da individualidade moderna; o homem tem estado só, na busca por sua identidade tem se privado do outro, da interação, tudo com o que ele consegue se deparar é com a própria imagem, que ainda lhe é desconhecida, refletida no espelho da sua cultura, o único mecanismo que lhe outorga identidade, ao mesmo tempo em que mediante sua relutância por renunciar seus medos, lhe impossibilita de enxergar para além de si mesmo.

Referências

DUMONT, Louis. 1985. "Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo". In. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco. Cap. I.
DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. DISPONÍVEL:
www.scielo.br/scielo.

GEERTZ , Clifford. 1978. "Ethos, visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados". In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SAHLINS, Marshall. 1997. "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte I. *Mana*, v.3, n.1, p. 41-73.

SIMMEL, George. 1998. "O indivíduo e a liberdade". In. Jessé Souza e B. Oelze. (Orgs.). *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Editora da UNB.
DISPONÍVEL: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/06/23/001.htm>

DISPONÍVEL:

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/06/23/000.htm>

SOUZA, Vanessa Karla Mota de. 2002. "Os árabes: uma abordagem missionária para a contemporaneidade". João Pessoa, Instituto Bíblico Betel Brasileiro.

STOLCKE, Verena. 2001. "Gloria e Maldición Del Individualismo Moderno según Louis Dumont". *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 2, p.7-37.